

Uma civil brasileira a caminho de sua terceira operação de paz da ONU

Fernanda Kundrát Brasil

Ano Novo começando! Brasileiros e brasileiras fazem previsões e estabelecem metas para um ano de prosperidade, alegrias e realizações. Não fujo à regra. Para mim, 2019 se anuncia desafiador e me preparo para pisar em terras africanas pela terceira vez. Estou prestes a embarcar na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas (ONU) para a Estabilização do Mali (MINUSMA), para colaborar com o *Joint Operations Centre (JOC)*, na função de *Reporting and Coordination Officer*. Antes disso, fui *Electoral Officer* em duas outras operações de paz: Missão da ONU na República Democrática do Congo (MONUSCO) e Missão Multidimensional Integrada da ONU para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA). Nessa última, também fui *Political Affairs Officer*.

Como sou veterana, fica mais fácil a minha preparação, tanto a logística (cuidados com a saúde, bagagem, papelada, alojamento) como a psicológica (face aos inúmeros desafios encontrados em ambiente instável). Mas nem sempre foi assim, já que não frequentei nenhum curso preparatório para atuar em operações de paz. Meu preparo foram as missões em si. Aliás, a questão da preparação de civis permanece uma grande lacuna para o Brasil, apesar de algumas iniciativas pioneiras que, têm demonstrado grande aceitação por parte dos civis.

Apesar do preparo ser relativamente semelhante, cada missão traz consigo um quê de singularidade e novas descobertas. Há, inclusive, diferenças dentro de uma mesma operação de paz, dependendo principalmente da divisão a que se pertence e também da localização geográfica do trabalho (se trabalha no *headquarters* ou no *field*). Para mim, que sempre fui uma *field woman*, só a oportunidade de servir em uma capital, como Bamako (Mali), com alguma infraestrutura, já traz em si a perspectiva de experiências distintas.

Para se ter uma ideia, na República Democrática do Congo (RDC) eu trabalhava no terreno (*field*) e passei alguns meses sem eletricidade, morando em uma casa *à la congolaise* compartilhada com militares (meus grandes professores em temas de segurança e sobrevivência). Na República Centro-Africana (RCA), por sua vez, em minha primeira *duty station*, morei em uma aldeia local, sem água corrente (comprava água da bomba local), sem escritório (grande perturbador da relação profissional-privado e de questões de gênero, já que minha casa era literalmente o *office* eleitoral) e sem voos regulares (fator de desespero quando se queria voar para os dias de *Rest and Recuperation*, os famosos *R&Rs*).

Com efeito, o isolamento do “mundo” em pleno século XXI foi um dos grandes desafios nessa aldeia da RCA. Fiquei cerca de dois meses sem conexão à internet, por exemplo. Para a comunicação profissional, tive ao menos três chips de celulares, que também serviam, quando funcionavam, para

acalmar familiares e amigos preocupados com o meu “sumiço”. Quando eu precisava executar alguma tarefa burocrática, colocava toda a minha criatividade em ação. Para imprimir uma página, por exemplo, eu movimentava todo o vilarejo, e levava quase um dia inteiro. Essas e tantas outras dificuldades fizeram com que a minha segunda *duty station* na RCA fosse uma espécie de paraíso. Ali, eu compartilhei uma tenda com militares peruanas, situada dentro de um *compound*, ou seja, havia uma certa estrutura. E eu executava atividades de maneira integrada, envolvendo civis, militares e policiais, sobretudo por causa das ações de grupos armados na região.

A questão da segurança foi outro grande desafio. Na RCA, a minha viatura foi atacada por grupos armados e, após passar por alguns momentos de confronto direto, acabei sendo evacuada em razão da falta de segurança. Também passei por uma evacuação médica, por malária. Entretanto, talvez a experiência que mais tenha marcado a minha história como *field woman* foi a de integrar o pequeno grupo dos brancos que já passaram por *Basse-Kotto*, uma área com cerca de 18 mil km² e uma das 16 prefeituras do país. Nunca esquecerei os olhares curiosos, as mulheres que queriam comprar meu cabelo (muitas locais usam perucas), crianças eufóricas que sorriam e me cumprimentavam, gritando *muzungu* (branco, em Sango). Alguns locais fugiam e algumas crianças chegaram a chorar com aquela visão estranha, diferente e branca. Me senti parte de uma minoria visível, de uma maneira simpática e positiva.

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”, já dizia Fernando Pessoa. Olhei o copo meio cheio, ao invés de meio vazio. Foquei em aprendizados e crescimento profissional e pessoal. Tive a grande chance de colaborar com o fortalecimento do processo democrático em países em situação de pós-conflito, com populações ávidas por paz e desenvolvimento. Representei a ONU: um organismo internacionalmente reconhecido, multicultural e dinâmico e, com isso, aprimorei capacidades e habilidades. Cada desafio me ensinou. Cada conflito me precaveu. Cada encontro me marcou. Conheci pessoas incríveis e fiz amigos para a vida. Meu olhar sobre o outro foi sensibilizado. Minha visão de mundo, ampliada.

É com esse olhar refinado e mais maduro que parto agora para Bamako, onde contribuirei com o fornecimento de informações que facilitem a tomada de decisões e a implementação do mandato da MINUSMA. Como civil brasileira imersa em uma missão de paz, o meu intuito também será o de partilhar um pouco o meu foco sobre várias questões daí advindas. Espero, com isso, proporcionar uma visão mais próxima da realidade, que estimule reflexões e incentive a participação de mais brasileiros em missões de paz sob a égide das Nações Unidas. Isso porque acredito no grande potencial da expertise e da cultura brasileiras para impactar positivamente a vida de pessoas - ávidas pela paz e o desenvolvimento duradouros - vivendo em países afetados por conflitos. O Brasil ainda pode ocupar um grande espaço nesse cenário, especialmente no que se refere ao componente civil das missões de paz. Sob esse pano de fundo, convido-os a embarcar comigo nessa aventura...

Até o próximo texto!

Fernanda trabalha atualmente como JOC Officer na MINUSMA (2019). Foi Political Affairs Officer na MINUSCA (2016-2017), Electoral Officer na MINUSCA (2015-2016) e na MONUSCO (2011-2012), bem como Observadora Eleitoral no Haiti (2010-2011) em missões da Organização dos Estados Americanos (OEA). Antes disso, era assistente de pesquisa do “Centre d’Études Américains/Institut Québécois des Hautes Études Internationales” da Université Laval, no Québec (Canadá) (2010-2012). Contato: fekundrat@yahoo.com.br

Brasil, F. K. “Uma civil brasileira a caminho de sua terceira operação de paz da ONU”. Especialista da REBRAPAZ. Publicado em 01/02/2019. Disponível em: <https://rebrapaz.com/o-que-pensamos/>.